

Gazeta Medica da Bahia

PUBLICAÇÃO MENSAL

Anno XXIX

Fevereiro 1898

Numero 8

DISCURSO

Pronunciado pelo Dr. José Olympio de Azevedo ao ser
empossado do cargo de director da
Faculdade de Medicina e Pharmacia da Bahia

Começou dizendo que se não fora o dever que tem todo o cidadão de prestar ao seu paiz os serviços que a sociedade delle reclama; se não fora a espontaneidade da lembrança do seu nome para uma honraria que nunca ambicionou, sobre a qual em certa epocha consultado chegou mesmo a recusar, por certo não estaria hoje sentado naquella cadeira, honrada como tem sido pelos mais conspicuos membros da congregação, e ainda quente do calor que nella deixou o ultimo que occupou-a, o seu distinctissimo collega o Sr. Dr. Antonio Pacifico Pereira.

Que este digno collega illustrou tanto o logar que acaba de deixar, que tarefa bem difficil será para o seu successor, nunca eleva-lo mais, porem não deixar empanar o brilho que as suas luzes, o seu patriotismo, o seu provado tino administrativo projectarão em irradiações scientificas, scintillantes até o deslumbramento, moralisadoras da instituição até a admiração, patrioticas, altruisticas e humanitarias até o reconhecimento da patria agradecida, da sociedade bahiana, testemunha dos seus serviços e da sua inexcedivel dedicação, dos alumnos da Faculdade que tão prodigos sempre foram em victorial-o, e da illustrada congregação que em uma das sessões que

celebrou o anno passado distinguio-o por unanimidade com um voto de louvor pela relevancia de seus inolvidaveis serviços.

Que na realidade, se o Sr. Dr. Pacifico no breve curriculo de 2 annos que percorreu em epocha normal honrou sobre maneira a cadeira de director da Faculdade, na quadra calamitosa porque passou a Bahia no anno proximo findo, conseguiu ascender a tão elevada culminancia que tornou a Faculdade o alvo de todos os olhares admirados, o ponto donde partio a reacção contra os estos da calumpnia anonyma, insidiosa e irresponsavel, atirada sobre a Bahia.

Foi elle quem naquelles arraias deu o brado de, «*macte animo cives*» foi elle quem teve a iniciativa do offerecimento dos serviços clinicos dos professores em prol dos soldados brasileiros, victimas do fanatismo e da ignorancia selvagem de parte da população sertaneja da Bahia e de diferentes Estados limitrophes em que se divide o paiz. Foi ainda elle quem dia e noite empregou toda actividade em converter o edificio da Faculdade em um vasto hospital de sangue, armando leitos, provendo-o de agua, luz e de todo o material necessario ao seu regular funcionamento, distribuindo os collegas em diversas turmas, dispondo sobre a montagem da pharmacia e do arsenal cirurgico para as operações, superando emfim todas as difficuldades que as restricções dos regulamentos militares antepunham á marcha regular dos serviços.

Assim foi visto sempre na frente dos prestitos que acompanharam os intrepididos alumnos, que deixando o aconchego da familia e as doçuras da paz marcharam impavidos e altivos para o campo da luta, affrontando as aridez e as escabrosidades de sertões inhospitos, a fome, a peste, o ferro e o fogo e toda sorte de horrores que a

guerra engendra, consorciando assim as glórias dos alumnos com as do mestre e director em uma identificação de sentimentos capazes de acalorar as almas mais frias e indifferentes, servindo de incitamento a novas e repetidas levadas que deram em resultado um contingente não pequeno de alumnos que em honra da mocidade brasileira e dos creditos da Faculdade bem bons serviços prestaram na quadra angustiosa por que passou a Bahia e serviços que a gratidão da população representada por suas diversas classes eternizou nas lapides immorredouras que constituem as gemmas mais preciosas e brilhantes da ornamentação do vasto salão nobre da Faculdade; podendo-se com orgulho dizer que a Faculdade de Medicina salvou a honra da Bahia. Foi della que partio o primeiro e mais acentuado rasgo de patriotismo que foi o incentivo para a organização de legiões de combatentes que o atilado e benemerito governo do Estado soube crear, para reforçar com numerosos contingentes as hostes que já se achavam empenhadas na lucta fratricida, e ao mesmo tempo acoroadando por sua vez a heroica espontaneidade da mocidade academica, facilitando-lhe recursos e encaminhando-a para o campo da lucta, convertido em Pantheon de suas glórias.

Lamenta que o seu digno collega no dia 13 de Janeiro proximo findo reiterasse o pedido que já em Março havia feito de sua exoneração, a qual só deste modo lhe teria sido dada pelo governo da União que sempre apreciou os seus serviços, fazendo-lhe a devida justiça, como verifica-se dos archivos da secretaria da Faculdade.

Desceu os degrãos daquella cadeira para subir os do altar erguido no coração da patria e accrescentou que são felizes os que caem por semelhante modo, transformando o sambenito em galas e fazendo do vencimento uma victoria!

Diz o orador que motivo de verdadeira surpresa para

si foi a sua nomeação para o cargo, que qualquer de seus collegas poderia exercer com mais competencia e brilhantismo; que o cargo de vice-director collocou-o por diversas vezes na interinidade das funcções da directoria.

Conhece portanto os espinhos daquella cadeira, sentio-os em 1889 duas vezes no lamentavel episodio Silva Jardim e nos dias memoraveis da organisação das actuaes instituições politicas, e posteriormente em difficeis conjuncturas a bem da disciplina e da ordem do estabelecimento. Conhecendo-os procurará entretanto conservar a calma e a serenidade que não o abandonaram naquellas dolorosas emergencias, mantendo illeso o principio de autoridade, respeitando o direito de cada um fazendo justiça a todos e interessando-se pela manutenção dos creditos e do renome da Faculdade.

Para conseguil-o porém, precisa do concurso efficaz dos seus dignos collegas, que por certo não lh'o negarão, compenetrados como se acham todos da importancia da missão que a cada um incumbe desempenhar, do que todos até hoje tem dado ás mais sobejas e eloquentes provas. Precisa do apoio do governo para a obtenção das medidas propostas pela directoria e pela illustrada congregação. Uma ideia entristece-o: o pessimo estado financeiro do paiz tem agorentado todo o progresso material e mesmo o sicientifico da nação, obrigando a suspensão de obras em andamento com perda para algumas, quasi total do que estava feito, determinando grande córtes nas verbas orçamentarias das repartições, notadamente das escolas superiores, cujos recursos este anno são inferiores aos já diminuidos de annos anteriores.

Lembra aos seus collegas que ha 2 annos, atira-se aos tapetes do parlamento a ameaça da transferencia da Faculdade para o Estado, que mal se aguenta com os onerosos encargos que já sobre si pesam, que esta

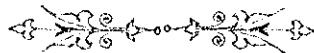
ameaça desorganizadora poderá em breve transformar-se em realidade, não tanto em obediencia ao regimen democratico e descentralizador das instituições republicanas, quanto pela carencia de recursos dos cofres da União, consequencia das perturbações intestinas que os tem profundamente depauperado, o que poderá fazer lembrar a alguém as palavras da carta de Lord Byron dirigida ao poder legislativo e executivo da Grecia a 30 de Novembro de 1823: « Eu devo francamente confessar-vos que a menos que um pouco de ordem e de união sejam estabelecidas em vosso paiz qualquer esperanza de um emprestimo, qualquer auxilio que a Grecia possa esperar de fóra e que seria neste momento muito precioso, tudo isto deverá ser adiado, para não dizer, indefinidamente impedido. Mas, ha cousa peor que isto: as grandes potencias, das quaes nenhuma é hostil á Grecia e que parecem favoravelmente dispostas quanto á creação de um Estado Grego independente, persuadir-se-ão de que os gregos são incapazes de se governar, e reunir-se-ão para pôr de uma ou de outra maneira termo ás vossas desordens, que destruirão vossas mais fagueiras esperanças e as de vossos amigos. »

Diz que felizmente para a Grécia, este vaticinio do poeta inglez não se realisou, e quanto a nós o patriotismo brasileiro o repellirá com a energia de que tem dado innumeradas provas sempre que apparece a suspeição de qualquer intervenção estrangeira em negocios que affectam a integridade e a autonomia da nacionalidade.

Mas que ao que parece, o legislador federal obrigado a optar entre a transferencia das faculdades para os Estados e a restricção das verbas de laboratorios, gabinetes, bibliothecas e obras, decidio-se por esta de modo que só com muita economia e perfeito discernimento nos fornecimentos para cada um dos laboratorios e gabinetes poderão ser feitos regularmente os trabalhos concernentes

aos estudos praticos. Assim, não se poderá fazer grandes encommendas para a Europa, crear serviços novos, e que devemos contentar-nos com o «grande pequeno» que temos, já que não podemos ter o grande colossal, acceitar o pouco para que não fiquemos sem nada.

Conscios, portanto, de que a directoria não poderá satisfazer a pedidos feitos com certa latitude pela deficiencia das verbas, as quaes não lhe é licito ultrapassar, os seus collegas não devem entretanto desanimar, porque com uma boa distribuição das verbas, cada um terá o indispensavel para que o ensino pratico não desça do nivel, no qual o tem collocado a boa vontade e o amor ao trabalho dos dignos professores e dos seus prestantes auxiliares de modo a se poder dizer que para a manutenção do renome e dos credits scientificos da instituição, basta que os mestres continuem a querer ensinar e os discipulos a desejar aprender.



CIRURGIA

TALHA HYPOGASTRICA

PELO

Dr. Arnobio Marques

Em artigo escripto em Dezembro do anno passado affirmavamos a frequencia dos calculos vesicaes em Pernambuco e salientavamos os bons resultados obtidos com o tratamento pela *talha hypogastrica*.

Desde aquella data até hoje temos operado 9 casos e observado outros, sendo todos elles confirmadores das idéas que defendemos.

Nos nossos operados contamos 4 meninos e 5 homens; o mais moço dos meninos tem 5 annos de idade e o mais velho dos homens conta trinta e poucos annos.

Todos os casos terminaram pela cura, exceptuado um de um dos meninos, insuccesso que nos parece ter sido devido ás más condições em que se achava o doente quando foi submettido a operação.

Effectivamente esta infeliz creança, lymphatica, de 6 annos de idade e natural do norte do Estado, soffria de prolapso do recto em consequencia dos grandes esforços que fazia para urinar e sua familia só resolveu entregar ao Hospital depois que convenceu-se da impossibilidade de reduzir a porção do recto que se achava herniada havia muitos dias.

Vê-se pois que as condições em que se achava o doentinho erão desfavoraveis para supportar um traumatismo tal como o da talha.

Exceptuado este doente todos os outros curarão-se.

Os calculos extrahidos forão de dimensões variaveis; os quatro maiores pesavão 160, 170, 175 e 385 grammas. Estes quatro calculos erão *muraes*, o que até certo ponto està em desaccordo com a opinião de Tillanx quando diz que os calculos *muraes* nunca chegão a ter volume muito consideravel.

Nestes quatro doentes porem verifica-se a observação do illustre professor de Paris quando affirma que os nucleos destas pedras remontão a primeira infancia e que após muitos annos, vinte, vinte e cinco e trinta, o calculo attinge proporções que obrigão o doente a procurar o cirurgião. Destes nossos doentes um referia que com poucos annos de idade soffrera de dores durante a micção e incontinnencia; symptomas que desaparecerão com remedios que então forão aconselhados. Outro faz datar seu padecimento desde o tempo em que frequentava a

escola, fazendo-se uma intermittencia tal no soffrimento que elle poude entrar para o exercito, onde serviu muitos annos e de onde sahiu por se terem ultimamente tornado seus males irremediaveis.

O terceiro disse nos ter soffrido muito quando menino, passado depois relativamente bem e só agora, quando se empenhou na campanha de Canudos, os seus incommodos crescerão tanto que obrigarão a guardar o leito durante dous mezes.

O quarto e o ultimo doente conta-nos historia semelhante a dos nossos tres outros operados.

E' um homem de temperamento lymphatico, regularmente constituido, agricultor, morador em Camarú, neste Estado.

Teve entrada no hospital Pedro II em Agosto deste anno, vindo occupar um dos leitos do nosso serviço na Enfermaria de S. Francisco.

Referiu-nos sua historia assegurando-nos que os seus padecimentos datavão desde o tempo de creança; que tinhamo desaparecido por muitos annos e que atormentarão-no atrozmente.

Os signaes racionaes erão claros e juntando-os aos signaes physicos podemos com segurança estabelecer o diagnostico—de—volumoso calculo vesical.

Estabelecido o diagnostico foi a operação praticada no Hospital Pedro II no dia 4 de Agosto fazendo o favor de auxiliar-nos os dignos collegas Drs. A. Costa e A. Cavalcanti.

Tudo fizemos sem difficuldade menos a extracção do calculo que por seu notavel volume não poude passar na larga abertura longitudinal que haviamos feito. O Dr. Alcibiades Velloso, director do Hospital, que se achava presente lembrou-nos o esmagamento da pedra.

Lhe objectamos que seria fazer mais contusões em

uma bexiga que já havia sido muito traumatizada com as nossas tentativas de extracção, e então propuzemos a incisão parcial de um dos musculos rectos para assim termos maior espaço á passagem do corpo estranho. Foi aceita pelos collegas a nossa proposta, foi feita (incisão parcial) e facilmente conseguimos a retirada do calculo.

Installamos a syphonage Perier Guyon e fizemos os cerativos que habitualmente usamos, sendo ainda desta vez os nossos esforços coroados dos mais esplendido resultados, pois apesar das contusões produzidas pelas nossas tentativas de extracção; apesar do traumatismo produzido pela passagem de um calculo pesando 385 grammas; apesar da demora que houve na operação a cura se fez sem accidentes.

Manda a lealdade que digamos que houve um mez apoz a operação a formação de um abcesso na região perineoescretal que incisamos e que não teve consequencias lamentaveis; manda ainda a lealdade que digamos que os phenomenos de cystite que existião se mantiverão intensos e rebeldes desde que a abertura abdominal ficou muito diminuta. Mas tudo cedeu ás lãvagens de nitrato de prata e hoje o nosso doente acha-se curado.

Neste caso temos que justificar o nosso procedimento; com effeito quando os calculos são muito volumosos nós temos que recorrer aos processos de excepção e entre elles não se descreve o que empregamos.

Si, como se verificou no caso em exposição, não era o pubis que fazia embaraço a retirada do calculo, porque praticar a resecção d'aquelle osso? E si a secção do musculo recto poder em alguns casos, sinão em todos, substituir a secção ossea não é o caso de ser proferida?

A myotomia não é mais innocente, mais facil de praticar-se?

Parece-nos que os calculos maiores que o que apre-

sentou o nosso doente são raros, diremos mesmo rarissimos, assim sendo, ainda mesmo que a secção dos musculos rectos não dê passagem a todo e qualquer calculo, rarissimos serão aquelles casos em que se faça precisa a resecção do pubis.

A eventracção não nos amedronta; as suturas musculares quando bem feitas dão excellentes resultados; *não só a reunião primitiva se pode fazer sem interposição de tecido cicatricial como tambem é provavel o estabelecimento da continuidade de muitos filetes nervosos intra musculares* (1)

Mas vejamos os processos de excepção.

O processo de Tredelenburg que dá a mortalidade de 18 por 100 *tem a inconveniencia de facilitar a producção de hernias ou eventracção.*

Faz-se a secção dos musculos *en rasant la symphise* consequentemente surgem as difficuldades para restabelecer as antigas condições, isto é, para conseguir que o musculo readquira sua inserção; entretanto muito mais facil será obter a integridade do musculo que soffreu apenas uma secção parcial.

O processo de Langenbuch è trabalhoso e não parece destinado á entrar na pratica corrente. E' uma talha vestibular, exige *que on detache le ligament suspenseur dú penis et les attaches du corps coverneux.* Não é portanto um processo simples, não offerece a mesma facilidade dos processos que exigem somente incisões musculares.

O processo de Hoch só tem sido empregado sobre cadaver, não fez suas provas; mas bem se vê que é trabalhoso e que exige resecção ossea.

(1) Le Dent et Delbet Traite de Chirurgie—Vol.—3—Art. muscles.

O processo d'Helferich é um dos que exige resecção osseá; é por consequencia trabalhoso e deve ser reservado para os casos em que com mais brandura não se possa obter o fim desejado.

A symphiseotomia sem duvida alguma presta uma larga passagem ao calculo e assim facilita a sua extracção por mais volumoso que elle seja.

Todavia é para notar que é mais um tempo que se junta á talha hypogastrica, operação por si mesma facil e de rapida execução.

Tuffier pensa que a symphysiotomia combinada á cystotomia superpubiana só tem direito a ser applicada em casos raros, e convem notar que tem-se assim uma operação muito mais complicada que a simples talha hypogastrica.

O processo de Nihans, que é complicado, consiste em uma resecção total temporaria. (2)

* * *

Na operação da talha hypogastrica Brum faz uma incisão transversal das paredes abdominaes immediatamente acima do pubis. Isto é muito differente do que nós praticamos em nosso doente.

Nós fizemos uma incisão vertical, a classica; abrimos a cavidade vesical e verificada a impossibilidade da extracção do calculo por seu excessivo volume seccionamos o bordo de um dos musculos rectos, justamente na parte media da incisão feita.

Isto tem suas vantagens.

Primeiramente a secção muscular apesar de innocente só se fará quando tiver o cirurgião certeza de sua necessidade, isto é, quando a passagem do calculo fôr impossi-

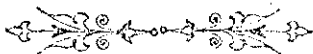
(2) Desnos—Traité elementaire de maladies des voies urinaires.

vel sem maior espaço do musculo é incompleto o que facilitará a sutura e dará menor perigo de hernias posteriores; em terceiro logar si o espaço fornecido pela secção de um musculo fôr insufficiente pode se seccionar o homologo o que facilitará muito a operação.

Será effectivamente o que fizemos superior ao que se tem proposto para facilitar a retirada dos grandes calculos?

Só a observação de novos casos poderá, pensamos, responder a esta interrogativa; sobre o que não poderá haver duvida porém é que no caso do nosso doente o resultado foi esplendido como podem testemunhar os collegas que nos auxiliaram na operação.

Recife—Dezembro 1898.



PATHOLOGIA INTERTROPICAL

Infecção e propagação da febre amarella no Rio de Janeiro

PELO

Dr. J. B. de Macerda

(DEDUCCÃO DOS TRABALHOS DE J. SANARELLI)

Continuação da pag. 322

Transmissão pelas malas

O caso de S. José, em Santa Catharina, cujas particularidades conhece o Visconde de Taunay e o Dr. Remedios Monteiro, não póde ser mais demonstrativo. Vindo daquella localidade, chegara ao Rio de Janeiro um individuo que se hospedou em casa de seu correspondente, situada em uma das ruas da parte commercial da cidade. Poucos dias depois da chegada foi açcommettido de febre amarella.

e succumbio. A familia, residente em S. José, Santa Catharina, sabendo da morte desse individuo, pediu ao correspondente nesta capital que remetesse para alli a mala, roupas de uso e objectos que pertencerão ao fallecido. A ordem foi cumprida e a mala, transportada a S. José, foi entregue á familia, que a fez guardar sem abrir, em um aposento afastado da casa, onde ella permaneceu intacta pelo espaço de quasi um anno. Um dia, porém, lembrarão-se de abril-a para retirar os objectos que nella estavam contidos. A mãe do fallecido, acompanhada de uma filha e uma criada, encarregárão-se dessa tarefa. Logo ao levantar-se a tampa da mala sentirão ellas uma emanção desagradavel de môfo, que mais activo se tornou depois que remexerão as roupas. Recolocadas as cousas outra vez nos seus logares, foi a mala de novo fechada. Tres dias depois adoecêrão a mãe e a filha, e o medico chamado a tratá-las diagnosticou febre *amarella*. Convém dizer que em S. José até aquella data nunca se tinha dado um caso de febre amarella.

A mala e o seu conteúdo forão queimados em uma fogueira, e nenhum caso mais se produzio alli dessa molestia.

Caso semelhante occorreu em uma das estações mineiras da Estrada de Ferro Leopoldina (estação de Silveira Lobo), onde forão acommettidos de febre amarella dous caixeiros de uma casa commercial, que abrirão um caixão com fazendas, remettido do Rio de Janeiro, em época de febre amarella. Na casa do Rio de Janeiro que despachou as fazendas para aquella estação, tinha havido um caso de febre amarella; de onde é racional inferir—que o caixão de fazendas transportou até o seu destino, na estação de Silveira Lobo, uma parte da atmospherá da casa infectada. *Com. oral.* do Dr. J. Caldas).

Transmissão pela lã guardada

O caso das ilhas *Salut*, proximo a Cayenna, na Guayana franceza, relaiado pelo Dr. Rangé nos *Archivos de Medicina Naval*, é de uma evidencia incontestavel.

Tinham chegado á enfermaria que existe naquella ilha, muitos doentes acommettidos de varias molestias. Os colchões existentes não bastavão; tornou-se preciso portanto, mandar vir outros de Cayenna, ou fabrical-os alli mesmo com uma lã *guardada desde 7 annos*, em um apartamento fechado do edificio. Esta lã tinha sido retirada de colchões velhos, que servirão a doentes de febre amarella, em uma pequena epidemia que grassou nas ilhas *Salut*.

Retirada a lã do deposito, empregárão-se alguns homens em batê-la e sacudil-a, antes de encherem os novos colchões,

Tres dias depois, um arabe, que estivera empregado nesse serviço, adoeceu de febre amarella e succumbio. Logo succederão-se alli outros casos de febre amarella, ficando a epidemia perfeitamente localisada. E' evidente, quando se conhece as particularidades deste caso, que o germen amarelligeno pôde adherindo ás fibras da lã, guardar a sua virulencia pelo espaço de sete annos.

São também as roupas de lã, os cobertores, as vestes confeccionadas com feltros aquellas que mais facilmente retêm o germen e o transmittem.

Transmissão pelos cabellos

O caso referido pelo Dr. Shannon, de *Ocean Springs* (Mississipe) não é menos demonstrativo em relação á capacidade transmissora dos cabellos do que o que acabamos de referir para mostrar o poder retentivo da lã.

No dia 18 de Outubro de 1883 falleceu em *Ocean Springs* (Mississipe) de febre amarella o major J. B. B.

Aconselhei a familia que sahisse immediatamente da casa, não levando consigo nenhum objecto que tivesse estado na camara onde se dera o obito.

As filhas mostrarão desejos de cortar uma mecha de cabello de cadaver, ao que me oppuz; não obstante, a filha mais velha obrigou a enfermeira a fazer o que ella desejava. A mecha de cabellos foi mettida dentro de um envelope, o qual, depois de cuidadosamente fechado foi guardado com outros papeis.

No domingo, 4 de Novembro, ás 12 horas e 30 minutos do dia, ella levou este envelope para junto de uma janella e abriu-o pela primeira vez, para examinar a mecha de cabellos e mostral-a a Miss S. sua tia, que tinha ido visital-a, e depois de cheirar os cabellos exclamou: oh! que cheiro exquesito; passando os cabellos á sua tia, que repetio a mesma exclamação depois de os ter cheirado, inconsciente do perigo que corria. Nisto Miss B. que estava alli proximo estendeu a mão para receber os cabellos, mas sendo obstada por uma criança que nessa occasião se lhe atirou aocollo, teve tempo de reflectir, e advertio as mocinhas contra os perigos.

O envelope foi então cuidadosamente fechado e posto na gaveta, onde tinha estado guardado desde 14 de Outubro. A gaveta abria-se quasi todos os dias. No sabbado seguinte, 10 de Novembro, ás 9 horas da noite, Miss S. foi acommettida de um calafrio e adoeceu; Miss B adoeceu tambem ás 2 horas da madrugada, o periodo de incubação tendo durado em ambas menos de 7 dias. Nenhuma outra pessoa tomou nas mãos o fatal envelope, nem teve contacto com elle, nem, pelo mais rigoroso inquerito, se poudedescobrir outra fonte de infecção nestes dous casos. Miss S. falleceu em 14 de Novembro; Miss B. em 16 de Novembro.

Esta circumstancia da narração, feita pelo proprio

Dr. Shanuon, vem transcripta no relatorio do Dr. J. L. Posey, sobre a febre amarella na Florida, em 1888, como um valioso documento para provar como a infecção se dá ás vezes, ou se transmite de um modo subtil.

A estes casos podiamos juntar outro para mostrar que não é impossivel a vehiculação do germen por *cartas* ou *jornaes*. Refiro-me ao caso do Dr. Caio Prado, presidente do Ceará, o qual alli succumbio de febre amarella, conforme attestarão os medicos, caso unico, em que a infecção só podia ser explicada por cartas ou jornaes recebidos de Campinas, onde então grassava a febre amarella. Não conhecendo, porém, todas as particularidades deste caso, deixamos de commental-o.

Outra questão que tem a mais alta importancia entre as questões sanitarias referentes á febre amarella, é a influencia dos esgotos no desenvolvimento e na propagação desta molestia.

Durante muitos annos pesárão sobre a rêde de esgotos da cidade do Rio de Janeiro as mais acerbas accusações—de ser ella a fonte principal das nossas desgraças.

E' dahi, vibravão em côro todas as vezes, que sahem, em chegando o verão, as mortiferas emanações da febre amarella; é acompanhando *pari-passu* as ramificações da rêde subterranea que ella expande-se por toda a parte, contaminando os bairros novos, que ficão mais afastados do littoral. Eu mesmo, um pouco por suggestão, um pouco por influencia de um falso raciocinio, cheguei a acreditar ser isso uma verdade.

Agora, porém, tenho uma opinião assentada—a febre amarella não sahe dos esgotos; ella não pôde viver alli, e as razões que militão em favor dessa opinião decorrem da incompatibilidade das condições intrinsecas do esgoto com a propria vida do germen.

E' racional admittir-se que myrades de germens tenham sido lançados nos esgotos com as dejecções dos doentes de febre amarella.

O ponto importante a elucidar é se alli encontram elles condições de vida, de conservação e de multiplicação, de modo a tornar-se a atmospheria dos esgotos um extenso fóco amarelligeno. Ora, actualmente que são mais ou menos conhecidos os habitos do bacillo icteroide, vê-se bem que as condições inherentes aos esgotos só lhe podem ser desfavoraveis.

Primeiramente a vida dos germens nos esgotos é uma *vida hydrica*, pois é na agua corrente dentro das galerias que são transportados os germens provenientes das dejecções. Ora, essas aguas contêm quantidades grandes de germens, conforme mostrarão as observações de Havelburg—uns saprophytas, outros germens verdadeiros da putrefacção, os quaes não podem deixar de fazer uma séria concorrência vital ao bacillo icteroide, quando elle alli se apresenta. A sua fraca resistencia diante desses germens, segundo demonstrou Sanarelli, fal-o-ha succumbir na luta em pouco tempo. A sua vida será portanto alli *ephemera*, comtanto mais razão quando occorre ainda a circumstancia de não encontrar elle a seu lado nos esgotos para protegel-o—os hyphomycetes ou bolores.

E' verdade que Sanarelli observou, em experiencias referidas no seu trabalho, que o bacillo icteroide resiste na agua do mar 50 dias. As conclusões dessas experiencias porém, não têm applicação racional ao caso presente—porque as condições em que ellas se realizárão forão mui differentes das condições naturaes. A agua do mar, da qual se servio Sanarelli nas suas experiencias, era privada de germens, préviamente esterilizada na vale de Chamberland. Nessas condições, o bacillo icteroide ficava isolado e livre da concorrência vital dos outros germens. *De*

Giaxa, citado por Sanarelli, diz: que alguns microbios pathogenicos vivem muito bem e podem ainda prosperar na agua do mar quando se não encontrão empenhados em uma luta de concurrencia vital com outros germens antagonistas.

Ora, nas aguas sujas do porto do Rio de Janeiro, onde são lançados detritos de toda a especie, onde vão misturar-se as correntes de aguas pluviaes que têm lavado a superficie do solo, onde fazem diariamente a sua descarga, não só os esgotos da *City Improvements*, mais ainda a canalisação independente e isolada de um grande estabelecimento hospitalar, a flora microbiana deve ser variadissima e rica, capaz de fazer uma séria concurrencia vital ao bacillo icterode.

A sua vida alli será tambem *ephemera*.

Ninguem se illuda, pois, acreditando que as aguas immundas da nossa bahia e o lodo que circumda o littoral da cidade pódem ser viveiros do germen amarelligeno. Não é a agua do mar, mas sim o *ar maritimo*, impregnado de humidade salina, que aviventa os fócios da febre amarella.

As relações desta molestia com o littoral, os portos e as costas maritimas não se explicão de outro modo.

Não estamos vendo a febre amarella, desde alguns annos, internar-se cada vez mais no nosso paiz sendo a semente espalhada pelas nossas rêdes de estrada de ferro? Não estamos vendo por uma lenta adapção a febre amarella galgar altitudes, onde não se devia esperar que ella chegasse?

Estes factos provão bem que a visinhança do mar, contrariamente ao que se pensava antes, não é *condição essencial* para o desenvolvimento da febre amarella, mas *condicção adjuvante* de primeira ordem. Os fócios da febre amarella intornada, *tendem a extinguir-se*, porque

alli no interior falta a condição adjuvante do ar maritimo, para aviventar os fócios e perpetual os.

Vamos terminar dizendo algumas palavras sobre a *acclimação* contra a febre amarella. Ella deve ser em grande parte devida a modificações imprimidas no organismo, de uma maneira lenta e gradual, pelos agentes cosmicos meteorologicos dos climas quentes. Essas modificações preventivas ou immunisadoras attenuão-se, até mesmo desaparecerem quando o organismo habituado ao clima quente vae habitar o clima frio.

De que natureza são essas modificações ninguem presentemente poderá dizel-o. Haverá talvez ahi uma modificação particular do sangue, compativel com o estado physiologico das funcções das cellulas; ou quem sabe se é o figado que se modifica funcionalmente e adquire nova adaptação pela mudança do clima, *facilitando* em um caso (adaptação ao clima frio) e *difficultando* em outro (adaptação ao clima quente) a invasão do germen especifico da febre amarella? Como se vê, aqui só podemos aventurar hypotheses; e estas, por mais plausiveis que sejam, não podem ser demonstradas.

O tempo de residencia em clima temperado necessario para que venha perder o individuo a acclimação contra a febre amarella, deve ser mui variavel.

Conhecemos um facto em que esse lapso de tempo foi apenas de oito mezes.

Referimo-nos a um individuo, portuguez, de 30 annos de idade, que residia no Rio de Janeiro havia 13 annos, que atravessou aqui incolume muitos periodos epidemicos, e que voltando a Portugal, e dalli regressando, no fim de 8 mezes, chegou ao Rio de Janeiro em pleno periodo estival. Tendo ido então habitar uma casa, onde adoecêra e estava ainda convalescente de febre amarella um seu

compatriota, alli contrahiu a molestia e della veio a succumbir.

Com este individuo deu-se um caso muito curioso, de *parada da infecção*. Recem-chegado de um clima temperado, confiando na sua acclimação de 13 annos, elle não recebeu habitar uma casa onde convalescia um doente de febre amarella. Passados quatro ou cinco dias de residencia alli, começou a queixar-se de intensas perturbações do estomago, sensação de calor, nauseas, taes phenomenos coincidindo com um sentimento geral de máo-estar. Os amigos obrigarão-no a partir immediatamente para Petropolis, onde aquelles phenomenos quasi se dissiparão durante os 8 ou 10 dias de sua permanencia alli. Regressando então a Paquetá, e indo habitar outra casa, alli em dous dias a molestia fez explosão e victimou-o.

Em conclusão:

Os factos comparados da experimentação e da observação induzem-nos a admittir.

1.º Que actualmente no Rio de Janeiro as epidemias de febre amarella são devidas a uma periodica revivescencia do germen.

2.º Que os *focos permanentes* da febre amarella só se formão no interior das habitações e no porão dos navios. A permanencia e a tenacidade dos focos no interior das habitações e no porão dos navios provém de que o germen amarelligeno não só se conserva, mas ainda se multiplica alli, devendo esse facto da conservação e multiplicação ligar-se á presença dos bolores.

3.º Que nas superficies do solo expostas á acção directa dos reinos solares não podem constituir-se fócios de febre amarella.

4.º Que nas superficies do solo humidas, e abrigadas da acção solar podem constituir-se focos de febre amarella; mas estes são *ephemeros*.

5.º Que o germen amarelligeno não póde permanecer vivo dentro dos esgotos; e que portanto não se pode racionalmente attribuir aos esgotos nenhuma influencia no desenvolvimento da febre amarella.

6.º Que o modo usual de vehiculação e diffusão do germen é o ar atmospherico.

7.º Que a diffusão do germen effectua-se num raio limitado.

8.º Que a camada de lodo que circumda o littoral nada tem que ver com a febre amarella.

9.º Que a influencia do littoral no desenvolvimento desta molestia explica-se pela acção do ar maritimo carregado de humidade e de materias salinas, sendo estas condições que favorecem a vida dos bolores.

10.º Que o transporte do germen amarelligeno póde effectuar-se pelas roupas e por certas mercadorias.

11.º Que a acclimação contra a febre amarella pode-se perder com a residencia de oito mezes em um clima temperado.

* * *

Não é, portanto, a agua potavel, não são os esgotos, não é o solo em vasta superficie aquecido pelos raios ardentes do sol tropical; não é a agua do mar, nem o lodo do littoral que devemos temer. Não é ahi que está o inimigo que nos dá combate todos os annos, e que, por vezes, tem ameaçado reduzir esta capital a uma vasta necropole, estancando-lhe as fontes da vida. O perigo não está ahi; elle está em outra parte: é no interior das habitações que devemos cercar o inimigo e exterminal-o.

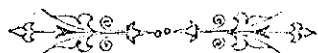
De ora avante o ponto de convergencia de toda a acção sanitaria no Rio de Janeiro devem seras *habitações* principalmente aquellas que são simulacros de porções de navios apodrecido: essas casas velhas, perennemente

humidas, sem ar sufficiente, sem luz, viveiros de bolor e de gente agglomerada, onde se achão perfeitamente reunidas todas as condições que favorecem a conservação e a multiplicação do germen amarelligeno:

Arrazar as que não puderem ser melhoradas; melhorar as outras, e rigorosamente desinfec-tal-as todas, não só as que proxima ou remotamente houverem sido séde da molestia, mas ainda as que não o tendo sido nunca, achar-se no raio de diffusão do germen.

As conclusões que põem remate a este trabalho obrigação-me agora a acceitar uma opinião contra o qual franca e resolutamente me manifestei no *Segundo Congresso de Medicina e Cirurgia*, e na *Commissão de Saneamento* — é a seguinte:

A extincção dos focos da febre amarella no Rio de Janeiro é empreza exequivel, praticamente realizavel.



HYGIENE PUBLICA DO ESTADO DA BAHIA

Lei de 22 de Agosto de 1893

Continuação da pag. 340

Do Laboratorio de Analyses Chemicas e Bromatologicas

Art. 45. O Laboratorio de Analyses Chemicas e Bromatologicas incumbese das analyses de substancias alimenticias, bebidas, drogas, formulas medicinaes, e quaesquer outras que interessem á saude publica.

Art. 46. Os trabalhos do Laboratorio serão executados por autorisação do inspector geral de Hygiene e á requisição do Conselho Geral Sanitario, dos conselhos locais de salubridade e dos particulares, com autorisação do secretario do Interior.

Art. 47. O Laboratorio de Analyses Chemicas e Bromatologicas terá o seguinte pessoal:

- 1 Director.
- 1 Chimico.
- 2 Ajudantes.
- 2 Serventes.

O director será medico de notoria competencia em trabalhos chemicos, podendo ser este e o chimico contractados no paiz ou no estrangeiro.

Art. 48. O Laboratorio apresentará á Inspectoria de Hygiene um boletim trimensal relatando os serviços feitos e propondo as medidas que julgar convenientes, no sentido de evitar o commercio e consumo de substancias nocivas á saúde publica.

Art. 49. Enquanto não fôr estabelecido o laboratorio de que trata a presente lei, o governo do Estado entrará em accordo com o governo municipal, afim de que no laboratorio do municipio da capital se realise o serviço das analyses chemicas e bromatologicas de que tratam os artigos antecedentes, devendo ser remettida á Inspectoria de Hygiene a nota circunstanciada da analyse requisitada.

Do serviço geral de desinfeção

Art. 50. A cargo deste serviço fica a execução das medidas de hygiene prophylatica e aggressiva em todo o Estado.

Art. 51. Para este fim haverá um desinfectorio central na capital e os postos de desinfeção que o governo julgar necessario crear em epocha de epidemia.

Art. 52. Para a execução deste serviço, terá o desinfectorio central:

- 1 Director, medico.
- 1 Escripturnario.
- 1 Machinista.

- 1 Foguista.
- 2 Desinfectadores.
- 2 Serventes.
- 1 Cocheiro.
- 1 Porteiro.

Parapho unico. O pessoal do serviço de desinfectação e especialmente o numero de desinfectadores, machinistas, foguistas serventes e cocheiros, poderá ser augmentada sempre que as necessidades da hygiene o exigirem, e que fôr reclamado pelo Conselho Geral Sanitario ou pelo Inspector de Hygiene e approvedo pelo governo.

Art. 53. A Inspectoria Geral de Hygiene e o Conselho Geral Sanitario estudarão os processos de desinfectação capazes de impedir a propagação das molestias contagiosas, destruindo ou tornando inoffensivos seus germens e darão as instrucções especiaes para o serviço em relação a cada molestia.

Art. 54. Como medidas de prophylaxia indispensaveis contra o desenvolvimento das epidemias ficam estabelecidas para os casos de molestias transmissiveis:

1.º A notificação compulsoria e immediata pelo primeiro medico que soccorrer o doente.

2.º A desinfectação obrigatoria e applicada ao local e aos objectos infeccionados.

Art. 55. O processo da desinfectação será repetido o numero de vezes que a autoridade sanitaria julgar necessario, conforme a natureza da molestia.

Art. 56. Ficã o governo auctorizado a crear em qualquer zona do Estado, onde o ameaça a importação de molestias epidemicas, postos quarentenarios e desinfectorios, para a observação e desinfectação de passageiros e bagagens.

Art. 57. Fica o governo auctorizado a estabelecer no porto desta capital uma estação sanitaria destinada ao

expurgo das embarcações que por viagem directa ou arribada forçada, tenham de entrar e fazer operações de carga ou descarga, de conformidade com o decreto do governo Federal de n. 2458 de 10 de Fevereiro de 1897.

Hospital de Isolamento

Art. 58. Para obstar a propagação das molestias infecto-contagiosas, o Estado estabelecerá no municipio da capital um Hospital de Isolamento com o serviço de desinfeecção e meios de transporte adaptados a seus fins.

Paragrapho unico. Em caso de epidemia, em qualquer zona do Estado, poderá o governo, si fôr necessario, estabelecer enfermarias de isolamento com a orgauisação e o pessoal indispensavel para preencherem suas funcções.

Art. 59. O hospital de isolamento da capital do Estado terá, pelo menos, quatro pavilhões, constituindo serviços distinctos com pessoal diferente e inteiramente separados, sendo um para variola, outro para febre amarella, o terceiro para observação temporaria dos casos de diagnostico duvidoso, o quarto destinado ás molestias contagiosas e outras que as circumstancias de momento tornem indispensavel isolar.

Art. 60. O serviço das desinfeecções será praticado em um pavilhão especial provido dos apparelhos mais aperfeicoados e de accôrdo com as instrucções da Inspectoria de Hygiene.

Art. 61. O serviço permanente do Hospital estará a cargo de :

- 1 Director, medico.
- 1 Ajudante medico.
- 1 Pharmaceutico.
- 1 Zelador almoxarife.
- 1 Amanuense.

1 Machinista.

1 Foguista.

1 Cosinheiro.

1 Porteiro.

3 Enfermeiros.

2 Serventes.

Art. 62. Nas épocas de epidemia, o governo nomeará o pessoal indispensavel para as enfermarias que tiverem de funcionar.

Art. 63. A notificação de um caso de molestia contagiosa é obrigatoria e deve ser feita á Inspectoria de Hygiene:

1.º Pelo chefe da familia ou em sua falta pelos parentes mais proximos do doente que habitarem na mesma casa do doente, e na falta destes pelo principal locatario do predio.

2.º Pelo medico que tratar ou fôr chamado a visitar o doente, logo que verificar que elle soffre de molestia desta natureza.

Art. 64. O isolamento nosocomial será imposto pela autoridade sanitaria sempre que o doente achar-se em estabelecimento ou habitação onde houver agglomeração de pessoas ou não esteja em condições de receber tratamento no proprio domicilio, por carencia de recursos ou impropriedade do local.

Art. 65. O transporte dos enfermos se fará em carros especialmente construidos para este fim, de accôrdo com as exigencias da Hygiene.

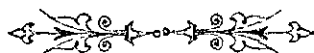
Art. 66. Pelo Conselho Geral Sanitario serão declaradas quaes as molestias consideradas transmissiveis, e, portanto, de notificação compulsoria.

Art. 67. Serão passiveis da multa de cem mil réis e o dobro nas reincidencias:

1.º Os medicos que deixarem de notificar os casos de molestias transmissiveis, occorridos em sua clinica.

2.º O medico, o proprietario, locatario ou morador de qualquer casa que se oppuzer ou embaraçar a execução das medidas de isolamento e remoção dos doentes que não puderem ser tratados nos domicilios, e ás desinfecções determinadas pela auctoridade sanitaria.

(*Continúa.*)



A MORPHÉA (*)

**Extracto da conferencia scientifica interna-
cional sobre a morphéa,**

realizada em Berlim em Outubro de 1897

1.ª Sessão em 11 de Outubro

DISCURSO INAUGURAL EM NOME DA COMMISSÃO ORGANIZADORA;
DISTRIBUIÇÃO DO PRIMEIRO VOLUME DAS
COMMUNICAÇÕES RECEBIDAS; ACCLAMAÇÃO DO PRESI-
DENTE, E NOMEAÇÃO DOS VICE-PRESIDENTES E SECRETARIOS

O Sr. *O. Lassar* (de Berlim), em nome da commissão organizadora da conferencia, abre a sessão e pronuncia o seguinte discurso, que por ser conciso e conter o historico e o programma dessa conferencia, julgo conveniente traduzir em sua integra:

(*) Devemos a um nosso eminente collega e illustre brasileiro actualmente na Europa, a publicação, que hoje iniciamos, de um importante e substancioso extracto dos debates, e as conclusões da recente conferencia internacional de Berlim sobre a lepra, na qual, infelizmente, apesar de convidado, não se fez representar o Brazil por delegado especial seu!

Este distincto collega é o Sr. Dr. Hilario de Gouveia, a quem agradecemos em nome da classe medica brasileira, e no nosso, como orgão da imprensa profissional, o nobre e patriotico intuito de vulgarizar no seu paiz os trabalhos d'aquella memoravel essembléa scientifica, empenhada de erradicar de vez a morphéa da luctuosa lista dos flagellos da humanidade.

«Senhores Ministros e Altos Representantes do Estado, meus collegas:

A commissão organizadora desta conferencia scientifica internacional sobre a morphéa fez-me a honra de commetter á minha pessoa a missão de organizar aqui este congresso, unico no seu genero. E', como sabeis, a *primeira vez* que se convoca um congresso medico internacional tendo por objectivo exclusivo o estudo d'um capitulo restricto da pathologia, para o fim de debellar uma unica entidade morbida. Em contraste com as brilhantes festas da sciencia, onde se contam por milhares os celebrantes dos progressos da medicina, esta assembléa compõe-se apenas de certo e determinado numero de medicos e pesquisadores, que se interessam particularmente pelo estudo da morphéa, e dos delegados dos governos interessados em nossas deliberações.

Com gratidão e desvanecimento nos congratulamos com tão brilhante coroamento dos nossos esforços.

A *hygiene publica* vae se tornando um dos mais poderosos factores da vida dos Estados. Em toda a parte vae sendo considerada aspiração primordial—combater e prevenir as causas que podem pôr em risco a saude publica. Todas as aspirações politicas cedem o passo á necessidade de ar e de luz indispensaveis á vida humana. Por isso deve a sciencia medica desvanecer-se de achar-se de posse dos elementos que mais importam á resolução d'um problema vital da administração publica, de ter sob o seu influxo, eminentemente altruista, uma força bem-fazeja da qual depende uma boa parte do futuro das nações. O programma da nossa actividade nesta conferencia se afastará um pouco das normas até hoje seguidas em circumstancias analogas. Em vez da leitura das memorias e communicações escriptas, que difficilmente conseguem prender a attenção, todas as opiniões

se manifestarão sob a forma de communicações e discussões oraes, que terão a vantagem de melhor se impregnarem no espirito de todos, pela sua concisão e vivacidade. Os pesquisadores de todos os paizes do globo, que, não medindo sacrificios, aqui vieram pressurosos, do Honolulú, da Columbia, do Japão, da Africa, da America e de todos os paizes do nosso continente, onde se tem manifestado a morphéa, terão a occasião de contribuir com os seus trabalhos para erigir um verdadeiro monumento litterario á morphéa.

Se a esta brilhante assembléa perguntássemos quaes os paizes da morphéa, deveríamos accrescentar logo—e quaes o não são?

E senão vejamos: Dos Fjorden scandinavos e das estereis regiões ao occidente de Jak, até ás luxuriantes zonas do littoral e do equador do mundo inteiro, que clima e condições telluricas offerecem garantias de preservação contra a propagação desta molestia, que tão pertinazmente acompanha as pégadas do homem por toda a parte? que da longinqua Asia invade o grande imperio da Russia até ás nossas fronteiras occidentaes; com os pescadores da Islandia transporta-se ás costas septentrionaes da Bretanha; com os immigrants do levante transporta-se á Italia e aos portos do sul da França; que impera em todos os paizes asiaticos, de onde, por via maritima, invadiu as nossas colonias da Africa occidental como invadiu os paizes do Cabo?

Esta internacionalidade dava desde logo á nossa conferencia um character de universalidade. Quando o nosso presado collega dinamarquez, o sr. dr. Eduardo Ehlers, com a autoridade que lhe deram as suas notaveis pesquisas sobre a morphéa na Islandia, iniciou entre nós a propaganda para o estudo em grande das questões relativas á morphéa, o seu projecto encontrou logo o mais

caloroso e sympathico apoio e animação do nosso governo, ficando desde logo resolvido, por accordo mutuo, que o assumpto não seria desde logo objecto de resoluções diplomaticas.

O governo allemão, porém, tudo envidou no interesse das nossas deliberações, imprimindo-lhes o cunho do seu apoio e prestigio.

O elevado local destinado ás nossas reuniões, mais do que quaesquer palavras, dá idéa da importancia que a Allemanha liga a esta nossa iniciativa.

A nós allemães não causa isso admiração; nossos hospedes, porém, terão occasião de sentir que é todo de character scientifico e humanitario o espirito que aqui os acolhe e dá-lhes as boas vindas.

Nesse paiz, cujo eminente chefe é um principe no qual está personalizado o pensamento nacional, e que sabe solidarizar-se com as dôres e soffrimentos dos seus compatriotas, esta assembléa encontrará um terreno apropriado á fructificação dos seus esforços e trabalhos. Para que cheguemos a conclusões positivas e uteis, precisamos da cooperação de uma direcção uniforme.

Nosso intuito é dar uma idéa viva da verdade e para isso precisamos de um mestre. Procurando-o entre nós, todos os olhares se fixarão em um só, no grande mestre de todos nós, no descobridor das cellulas leprosas, que assentou os alicerces da pathologia microscopica da morphéa: em *Rodolpho Virchow*. Seja elle, pois, o nosso presidente, Antes de convidar o nosso honrado presidente a vir tomar posse do posto, que ninguem por certo lhe disputará, tenho a honra de pôr á disposição de cada um de vós um exemplar do primeiro volume das communições e trabalhos que nos foram remettidos com a precisa antecedencia pela maior parte d'aquelles que adheriram a esta conferencia, havendo ainda alguns retardatarios, por

motivos de força maior, cujos trabalhos serão ulteriormente impressos e distribuídos em um volume, que será publicado mais tarde. O primeiro volume, que vos é hoje offerecido, constitue inapreciavel cabedal para a base de nossas discussões e deliberações. (1)

R. Virchow: depois de exprimir o seu prazer por ver-se cercado de tão grande numero de representantes de tantos paizes civilizados e em via de civilização, rememora em um curtissimo resumo os seus trabalhos sobre a materia durante quarenta longos annos, a começar pela proposta que desde logo fez para uma acção collectiva dos paizes europeus contra a morphéa, proposta que então só encontrou echo na Inglaterra. Salia a importancia da bella descoberta de bacillo da lepra, feita por Armauer Hansen, que deu a chave para o estudo e resoluções relativas á prevenção da morphéa; faltava apenas quem quizesse tomar a iniciativa que vemos agora coroada do melhor successo.

(1) Esse primeiro volume, distribuído na sessão inaugural do congresso, consta das quatro partes abaixo especificadas:

I Parte

A Neisser (de Breslau): Até onde está-se autorizado a considerar o bacillo da lepra como causa da molestia?

Ashmead (de New-York): Descendencia e variação do bacillo.

W. M. Geill (Indias Holandezas): Algumas notas sobre a transmissibilidade da lepra e sua contestação.

L. Glück (Saravejo): A lepra da parte superior das vias respiratorias e digestivas.

V. S. Impey (Cidade do Cabo): A não contagiosidade da lepra anesthesica.

G. Sticker (Giessen): Theses sobre a pathogenia da lepra.

C. Lawrence Herman (Cabo da Boa Esperança): O bacillo da lepra nos differentes periodos de seu desenvolvimento no organismo humano.

R. Virchow (Berlim): Posição da lepra entre as molestias infecciosas e sua anatomia pathologica.

Depois de mais algumas considerações sobre a importância do grande numero de contribuições, constantes do volume, de que lhe foi feito presente, diz que podendo succeder que, por força maior, seja forçado a deixar de comparecer a alguma das sessões, julga indispensavel que lhe dêem substitutos, e propõe para vice-presidentes os srs. Lassar e Armauer Hansen, e para secretarios, attendendo quanto possivel aos interesses das linguas, em que presume que serão feitas as communicações, aos srs. Arning (de Hamburgo), V. Bergmann (de Riga), Kimjon (de Washington), Abraham (de Londres) Thibierge (de Paris) e Dubois Havenith (de Bruxellas). Para secretario geral, encarregado da redacção e publicação dos trabalhos da conferencia, propõe o nome de seu iniciador o sr. Eduardo Ehlers.

Isto feito, e tendo os secretarios tomado assento, o presidente dá a palavra ao ministro do interior da Alemanha o sr. Conde de Posadowsky, *Wehner*, que, em

E. Besnier (Paris): Etiologia, herança e transmissibilidade da lepra.

J. Darier (Paris): Anatomia pathologica das manchas erythemo-pigmentarias da lepra.

V. Babes (Bukarest): Histologia da lepra (sobretudo do systema nervoso.)

M. Kaposi (Vienna): Notas geraes.

P. Hellat (S. Petersburgo): Notas sobre a questão da hereditariedade.

II Parte

G. Armauer Hansen (Bergen) Transmissão da lepra de homem a homem.

V. Bergmann (Riga): Póde a lepra ser transportada pelas bagagens (contagio indirecto)?

E. Arning (Hamburgo): lepra e emigração.

J. Goldschmidt (Paris): Proposta relativa á prophylaxia e á extincção de lepra.

E. Jeanselme e Laurens (Paris): Localisação da lepra no nariz, na garganta e no larynge.

eloquentes palavras saúda a illustre assembléa em nome do Chanceller do imperio, e promette aos trabalhos e resoluções da conferencia todo o apoio e interesse da administração do Imperio Allemão.

Seguiu-se com a palavra o sr. dr. Bosse, ministro do culto, da instrucção e dos negocios medicos do Reino da Prussia, que prometteu egualmente á conferencia o mais decidido apoio do governo da Prussia, que apreciava devidamente o seu valor, mais talvez do que nenhum outro da Alemanha, porque confia que as suas decisões lhe hão de suggerir os meios de debellar o terrivel flagello da morphéa que batte-lhe ás portas, nos limites noroeste das suas fronteiras com a Russia, no districto de Memel, que se acha contaminado.

R. Virchow, salienta a importancia e consigna com jubilo as palavras, que acaba de ouvir dos representantes dos governos da Allemanha e da Prussia, e dá a palavra ao sr. *E. Ehlers* (de Kopenhague).

L. Barillon (Algeria): Ensaio de serotherapie da lepra pelo methodo de Carrasquilla.

Broes van Dort (Rotterdam): Theses sobre a lepra.

M. Joseph (Berlim): Da lepra visceral.

Dehio (Dorpat): Notas sobre o contagio da lepra.

P. Hellat (S. Petersburgo): Do isolamento na lepra.

III Parte

G. Armauer Hansen (de Bergen): Isolamento facultativo e obrigatorio dos leprosos.

Lyde Borthen (de Drontheim): Nota sobre a frequencia das manifestações oculares nas duas formas da lepra.

F. Lesser (de Berlim): Historia da lepra.

Zambaco Pacha (de Constantinopla): Relações existentes entre a lepra e a Molestia de Morvan, a Syringomyelia, a Sclerodermia, e Sclerodactylia, a molestia de Raymond, a morphéa dos contemporaneos, o Ainhum, a Atrophia muscular progressiva de Aran-Duchenne.

L. Glück (de Soravejo): Da lepra das grossas veias cutaneas.

Este diz que ao regressar das suas pesquisas sobre o desenvolvimento de morphéa na Islandia, tendo verificado mais de uma vez, que foi pelo contagio que se desenvolveram as grandes epidemias modernas da morphéa, tomou a peito despertar a opinião da Europa sobre a conveniencia de extinguir os focos residuaes, que nella permaneceram da primeira gravissima invasão da lepra, e sobretudo impedir que os focos exóticos, cujas faiscas chovem hoje sobre a Europa de todos os lados, possam contamina-la de novo, lembrando as palavras propheticas pronunciadas no fim do seculo dezoito, por um notavel leprologo— fallando da morphéa:

«Esta molestia que a nós poupa, mas talvez flagelle os nossos filhos, como flagellou os nossos antepassados».

Além deste objectivo, terá a conferencia a vantagem de tornar a lepra conhecida fóra do circulo dos especialistas, em todas as suas formas variadissimas, e de

M. Kirchner (de Berlim): Sobre as sociedades contra a lepra.

C. Looft (de Bergen): As formas anesthesicas da lepra.

P. Hellat (de S. Petersburgo): Noticias sobre os lazaretos contra a lepra.

P. Hellat (de S. Petersburgo): Notas sobre as sociedades contra a lepra.

F. Westberg (de Hamburgo): Proposta para a discussão.

IV Parte

E. Lederholm (de Stockolmo): A propagação da lepra na Suecia.

F. Broes von Dort (Rotterdam): Distribuição e extensão da lepra na Hollanda e suas colonias.

von Düruy (Constantinopla): A lepra na Hespanha.

Ed. Ehlers (Kopenhague): Islandia.

J. C. White (Boston): Alepra nos Estados-Unidos e no Canadá.

S. P. Impey (cidade do Cabo): A lepra no sul da Africa.

H. P. Lie (de Bergen): Geographia da lepra na Noruega.

B. Beron (de Sophia): Propagação da Lepra na Bulgaria.

J. F. Donovan (de Jamaica): A lepra na Jamaica.

chamar sobre as suas manifestações a atenção do mundo scientifico, de modo a estudal a sob todas as suas faces até encontrar um dia os meios de cural-a, como se encontrou para a syphilis e a tuberculose.

Segue-se com a palavra E. Besnier (de Paris) que começa dizendo que a data de 11 de Outubro de 1897 ficará celebre nos annaes da leprologia e nos fastos da cidade de Berlim, Depois de um apanhado geral das idéas que reinaram sobre o modo da propagação da lepra desde *Danielsen* e *Bæck*, que sustentaram que a molestia se transmittia pela herança, até á descoberta de *Armauer Hansen*, que veio pôr fóra de toda a duvida a natureza parasitaria da lepra e a especificidade do seu bacillo, mostra-se confiante nos beneficos resultados da actual conferencia.

Em seguida faz um curto inventario do tributo que á actual conferenciá trazem os medicos francezes; a saber:

Darier:—provando com as suas preparações histo-

Gemy et Raynaud (da Algeria): Estudo sobre a lepra na Algeria

Domingo Orvanãnos (do Mexico): A lepra no Mexico.

J. Canabal (de Montevidéo): Relatorio do Conselho Nacional d'Hygiene de Montevidéo.

A. S. Ashmead (de Nova York): A questão da lepra precolumbiana, photographias de tres cranios precolombianos e alguns vasos *huacos*.

Numa Rat (de St. Kitts): Distribuição geographica da lepra nas Indias Occidentaes.

Juan de D. Carrasquilla (de Santa Fé de Bogotá): Memoria sobre a lepra grega na Columbia.

Rayet (de Bruxellas): A lepra na Belgica.

Emile Baemdonch (de Schent): A lepra na Asia Central.

J. Enget (de Cairo): Noticia sobre a lepra no Egypto, acompanhada de notas sobre o que cumpre fazer contra a lepra.

Baessler (de Baratonga): A lepra nas Ilhas Marquezas.

K. Dohi (de Tokio): A lepra no Japão.

C. Vellizzari (de Florença): A distribuição e propagação da lepra na Italia.

logicas das manchas erythematosas e pigmentarias da lepra, que estas contém quasi invariavelmente maior ou menor quantidade dos bacillos especificos;

Jeanselme: que no muco das rhinites leprosas e no sangue das epistaxis encontram-se em profusão os bacillos de Hansen, d'onde decorre a virulencia excessiva da secreção nasal dos leprosos; que na medulla encontram-se lesões systematizadas (sclerose dos cordões posteriores), que parecem antes resultantes de uma intoxicação do que da acção directa dos bacillos, que ahi não encontrou; que a anesthesia na lepra é sempre symetrica; a principio em forma de facha, depois symetrica, imperfeitamente desassociada, e de intensidade decrescente, a partir da pelle, para a profundidade, e da extremidade á raiz dos membros onde manifesta-se exclusivamente, respeitando a face e o tronco.

Na syringomyelia, ao contrario, a anesthesia limita-se a pontos segmentarios, em geral perfeitamente

-
- L. W. Pageslund (de Helsingfors): A lepra na Finlandia.
S. Deuntzer (de Bangkok): notas.
J. Numa Rat (de St. Kitts): notas.
R. Lazarewitsch (de Belgrado): notas sobre a lepra na Servia.
Sp. Rosolimos (de Athenas): A lepra na Grecia.
J. Arburton Thompson (Sidney): Historia da lepra na Australia.
Sabadini (de Algeria): Algumas considerações sobre a lepra em Jerusalem, no tempo dos Hebreus e em nossos dias.
A. Blaschko (de Berlim): A lepra na Allemanha.
R. Schoen (de Berlim): A lepra nas dominações allemães da Africa.
O. v. Petersen (de S. Petersburgo): a propagação de lepra na Russia de 1895—1897.
H. Hallopeau (de Paris): os leprosos de Paris.
J. F. Jonkin (de Budfort): A lepra na Africa Occidental.
Oscar Lassar (de Berlim): Estado actual da therapeutica da lepra.

desassociados, bruscamente interrompidos, acima e abaixo, não sendo raro que tomem a forma vestimentosa;

Zambaco Pacha; apresenta em seu notavel trabalho grande numero de factos e ideias que virão opportunamente á baila e concorrerão para esclarecer pontos obscuros;

Hallopeau, chama a attenção para o augmento extraordinario do numero de leprosos, que chegam a Paris todos os annos, e indica as medidas destinadas á preservação da capital da França; *Thebierge*, occupa-se principalmente das medidas de prophylaxia contra a lepra nos paizes em que a sua propagação é por ora diminuta ou nulla; *Gery et Raymond*, assignalam a existencia de diversos focos leprosos, em via de formação na Algeria, e propõem um conjuncto das medidas que se impõe para impedir a expansão da lepra naquella região; termina fazendo votos para que a actual conferencia se transforme em uma liga humanitaria, que se reuna em forma de congresso, em epochas previamente determinadas com a precisa antecedencia, para tratar d'esse assumpto, até que se descubra um remedio seguro contra a morphéa; e em nome da França exprime o desejo de que a segunda reunião desse congresso se realize em Paris em 1900, por occasião da exposição universal.

Tem em seguida a palavra *Armauer Hansen* (de Bergen), que discute a questão do isolamento, mostrando por numerosos argumentos de ordem moral e economica, que no estado actual dos nossos conhecimentos, e em quanto não existe um agente therapeutico efficaz contra a morphéa, o isolamento do leproso é o meio de que se deve lançar mão para preservar a humanidade da invasão e propagação da morphéa.

Phineas Abraham (de Londres): depois de saudar os organizadores da conferencia e o governo allemão que

a perfilhou, lê uma comunicação do Dr. J. Hutchinson, (de Londres), em que este autor procura justificar a hypothese, por elle ha muito tempo sustentada, de que a lepra é devida ao uso do peixe, baseando-se em que a lepra predomina nas ilhas, nas costas maritimas e nas margens dos rios, cujos habitantes vivem de pesca; e, de accordo com essa sua idéa, aconselha como medida de prophylaxia contra a lepra, a abstinencia do peixe crú ou mal cosido.

Neisser (de Breslau): diz que, desarmada como se acha a medicina em relação á therapeutica da lepra, o unico recurso que a sciencia pode hoje oppôr aos progressos da lepra está nas mãos dos poderes do estado, e não na dos medicos; que está hoje provado que a lepra é uma molestia infecciosa, que se transmite, principal se não exclusivamente, por contagio de homem a homem, ainda que não se conheça ao certo a via de infecção. Folga que o governo allemão se tenha posto á frente d'esta propaganda humanitaria, que, como complemento, espera seja seguida de outras conferencias contra a propagação da tuberculose e da syphilis.

Julga conveniente declarar, sem ambages, que a actual conferencia teve por fundamento principal a opinião dos seus promotores, de que a lepra pertence ao grupo das molestias essencialmente contagiosas, na esperança de que das resoluções della resultem medidas legislativas apropriadas á prevenção da morphéa: sendo que em seu conceito essas medidas serão tanto mais efficazes e facilmente exequiveis, quanto melhor impregnar-se na consciencia publica a idéa, hoje vencedora na sciencia, da contagiosidade da molestia. Se isto acontecer, esta conferencia terá plantado um marco inolvidavel na historia da lepra, onde talvez se possa um dia gravar a data da extincção dessa praga no nosso planeta.

Isidoro Neumann (de Vienna): Dá noticia minuciosa sobre um fóco leproso europeu, na sua opinião o mais antigo da Europa, que teve occasião de observar em 1890 na Bosnia e Herzegovina, por ordem do governo austriaco, que acompanha com o maior interesse os trabalhos desta conferencia, e della espera os conselhos de que precisa para agir em beneficio de seus governados.

O. von Pertesen (delegado do governo da Russia): sauda, em nome da Russia, o governo allemão pelo interesse que tomou por esta conferencia, da qual espera os melhores resultados para seu paiz e para a Europa, da qual é a Russia, por sua posição geographica, filtro pestilencial contra o terrivel flagello da lepra, designada pela expressão caracteristica *morte-lenta*, contra a qual o governo russo, animado pelos excellentes resultados colhidos pelo systema de isolamento na Noruega, já ha tempos procurou salvaguardar os interesses da sua população de 127 milhões de habitantes, decretando a denuncia obrigatoria da lepra, e fundando asylos especiaes para o isolamento dos leprosos.

A sociedade da Cruz Vermelha russa, sob a alta protecção de S. Majestade a Imperatriz Viuva Maria Fedorowna, começa a estabelecer colonias agricolas para os leprosos onde o isolamento se concilia com o bem dos infelizes doentes.

Exgotada a ordem do dia, o Dr. Weber (de Halle) exhibe um leproso, no qual o contagio é posto fóra de duvida, e diversas preparações microscopicas, nas quaes vêm-se os bacillos especificos: *a)* na pelle doente, e só na pelle doente, sobretudo no corion; *b)* nas escamas cutaneas; *c)* nos pellos finos do corpo; *d)* no suor; *e)* no sangue da pelle affectada, sendo que no sangue da veia mediana e na pelle sã não se vêm os bacillos; *f)* nas bôlhas dos vesicatorios ou outras; *g)* no esperma.

Nem na saliva, nem no muco nasal foram encontrados bacillos, sendo que nenhum exame fez Weber nas secreções bronchica, lacrimal, e gastro intestinal. Todos os agentes therapeuticos internos, geralmente aconselhados, inclusive a tuberculina em injeções hypodermicas, não tiveram resultado. Entre os agentes empregados localmente, os banhos 1/2 até 2 % de permaganato de potassio, ou melhor ainda a applicação de compressas embebidas nas soluções alcoolicas de 5 a 10 % de acido salicylico, fizeram desaparecer as infiltrações cutaneas e restabelecer-se a sensibilidade, sem diminuir, entretanto, o numero de bacillos.

F. Buzzi (de Berlim): apresenta um caso de lepra tuberosa, tratada pelo serum de Carrasquilla,— no qual em quatro mezes de tratamento, depois de empregar 26 injeções de 0,3 a 0,3 1/4 cc. começando por duas injeções por semana, seguidas de maiores intervallos, obteve melhoras notaveis, que com nenhum dos variados agentes empregados conseguira até então.

A. Blaschko (de Berlim): apresenta um caso de lepra anesthesica, no qual são manifestos o contagio e a marcha centripeta da nevrite leprosa.

Una (de Hamburgo): Demonstra a presença da gordura nos bacillos da lepra e da tuberculose:

I Em córtes de tuberculos leprosos tratados pelo acido osmico, nos quaes os bacillos e sobretudo os seus nucleos tomaram a côr negra, ficando o involucro bacillar menos escuro.

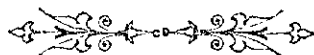
II Em culturas de bacillos tuberculosos tratados pelo acido osmico, obteve a mesma reacção.

III Em córtes de tuberculos leprosos, tratados por um novo methodo de coloração dupla, os bacillos colorizam-

se de vermelho, a gloc ficou transparente e pallida e o protoplasma violeta.

IV Nos bacillos tuberculosos, que offerecem aspecto analogo, quando coloridos pelo mesmo processo.

(*Continúa.*)



DEMOGRAPHIA

Obituário geral durante o anno de 1893 na cidade da Bahia

Falleceram n'esta Capital durante este periodo 6778 pessoas, sendo 3.720 do sexo masculino e 3.050 do feminino e houve 157 nati-mortos — 100 masculinos e 57 femininos; perfazendo o total geral de 6.925 obitos.

Dos 6.778 eram brasileiros 6.314, estrangeiros 397 e de nacionalidade ignorada 67.

Estado civil — 5.708 solteiros, 600 casados, 261 viuvos e 209 sem declaração.

Edade — 157 de menos de 1 dia, 348 de 1 dia a 1 mez, 499 de 1 a 6 mezes, 300 de 6 mezes a 1 anno, 585 de 1 a 5 annos, 182 de 5 a 10 annos, 699 de 10 a 20, 1.426 de 20 a 30, 712 de 30 a 40, 553 de 40 a 50, 396 de 50 a 60, 291 de 60 a 70, 243 de 70 a 80, 135 de 80 a 90, 52 de 90 a 100 annos e 177 sem declaração.

Médias diarias, sem nati-mortos 18,53 e com nati-mortos 18,96.

Coefficiente geral — 34,62.

Molestias que deram causa a esses obitos

De molestias geraes epidemicas — 1.947; destacan-
Série V Anno XXIX Vol. 6

do-se 1.676 de variola, 43 de febre amarella (1), 49 de febre typhoide, 135 de beriberi.

De outras molestias geraes — 1.215; sendo 630 de tuberculose pulmonar, 393 de manifestações palustres, 38 de syphilis, 32 de caneros, etc.

Molestias do systema nervoso e dos orgãos dos sentidos — 463; sendo 19 de meningite, 213 de congestão e hemorragia cerebraes, 56 de convulsões, 25 de tetanos e 13 de epilepsia, etc.

Molestias do aparelho circulatorio — 500; sendo 318 de lesão cardiaca, 85 de arterio sclerose, 33 de aneurysma, 42 de hemorragia, etc.

Molestias do aparelho respiratorio — 353; sendo 173 de bronchite, 53 de bronchite capillar, 27 de catarrho suffocante, 20 de broncho-pneumonia e 43 de pneumonia.

Molestias do aparelho digestivo — 764; das quaes, 197 de gastro-enterite, 90 de enterite, 54 de cuterocolite, 50 colicas intestinaes, 63 de diarrhéa, 60 de dysenteria, 65 de cirrhose hepatica, 62 de hepatite e 20 de peritonite, etc.

Molestias do aparelho genito-urinario e seus annexos — 162; sendo 106 de nephrite, 27 de mal de Bright e 13 de uremia.

Molestias puerperaes — 37; das quaes 15 de febre puerperal, 8 de parto.

Molestias da pelle e do tecido cellular — 69; 26 de erysipela, 20 de gangrena, 2 de elephantiasis, etc.

Dos orgãos da locomoção — 15; sendo 12 de rachitismo.

(1) No resumo da «febre amarella» consta mais 1 obito do que no do obtuario geral, porque estendeu-se no Hospital do Bom Despacho, districto de Itaparica, onde foi inhumado.

Da 1ª idade — 308; sendo 28 de fraqueza congenita e inanição, 167 de tetanos umbilical, 78 de dentição, 21 de asphyxia dos recém-nascidos, etc.

Da velhice — 121 de marasmo senil.

Mortes violentas e accidentaes — 87; sendo 17 de queimaduras, 22 de inanição, 7 de traumatismo, 5 de esmagamento, 6 de asphyxia por submersão.

Molestias mal definidas — 738; sendo 40 de febre, 22 de esgoto nervoso, 16 de hydropesia, 13 de morte subita, 94 após o nascimento, 240 de *molestia interna* e 5 de *molestia externa* e 266 sem declaração.

Nati-mortos — 157.

Febre amarella

Occorreram durante o anno findo 75 casos d'essa molestia, sendo 62 masculinos e 13 femininos; 17 em brasileiros e 58 em estrangeiros, dos quaes falleceram 44, — 11 brasileiros e 33 estrangeiros e restabeleceram-se 31, 6 brasileiros e 25 estrangeiros.

Estado civil — 54 solteiros, 20 rest. e 11 fal.; 15 casados, 62 rest. e 9 fal.; 1 viuvo rest. e 5 sem declaração 4 rest. e 1 fallecido.

Nacionalidade — 17 brasileiros, 6 rest. e 11 fal., 11 masculino, e 6 femininos; 1 argentino fallecido; 6 m. e 2 f. portuguezes, 3 rest. e 5 fal.; 7 m. hespanhóes, 1 rest. e 6 fal.; 2 francezas, 1 rest. e 1 fal.; 3 m. e 1 f. italianos, 1 rest. e 3 fal.; 11 m. e 1 f. inglezes 6 rest. e 6 fal.; 8 m. noruegueses, 6 rest. e 2 fal.; 13 m. e 1 f., allemães 6 rest. e 8 fal.; 1 suisso rest. e 1 russo fallecido.

Edade — 3 fallecidos de 1ª a 5 annos; 2 rest. e 3 fal. de 5 a 10 annos; 3 rest. e 3 fal. de 10 a 15 annos; 5 rest.

e 9 fal. de 15 a 20 annos; 7 rest. e 5 fal. de 20 a 25 annos 5 rest. e 14 fal. de 25 a 30; 3 rest. e 1 fal. de 30 a 35 annos; 2 fal. de 35 a 40; 1 fal. de 40 a 45; 1 fal. de 45 a 50; 2 rest. e 1 fal. de 50 a 55, e 4 rest. e 1 fal. sem declaração de idade.

Variola

Foram notificados durante o anno findo 4.575 casos d'essa molestia, dos quaes 2.635 do sexo masculino e 1940 do feminino.

Nacionalidade — 4515 brazileiros, 32 hespanhoes, 1 francez, 8 italianos, 2 inglezes, 1 allemão, 2 noruegueses, 1 austriaco, 2 gregos, 3 arabes e 2 africanos.

Estado civil — 3.820 solteiros, 374 casados, 48 viuvos e 333 sem declaração.

Edade — 117 de menos de 1 anno, 506 de 1 a 5 annos 351 de 5 a 10 annos, 1.286 de 10 a 20 annos, 1487 de 20 a 30 annos, 292 de 30 a 40, 117 de 40 a 50, 71 de mais de 50 annos e 348 sem declaração.

Raça — 577 brancos, 1009 negros, 2394 mestiços e 595 sem declaração.

Vaccinação — 745 vaccinados, 3348 não vaccinados e 482 sem declaração.

Foram removidos para as differentes Enfermarias 2.482 doentes.

Descriminações d'esses casos segunho os mezes — Em Janeiro 4, em Fevereiro 21, em Março 59, em Abril 70, em Maio 77, em Junho 120, em Julho 362, em Agosto 959, em Setembro 1.184, em Outubro 928, em

Novembro 470, e em Dezembro 321, o que perfaz o total de 4.575 casos.

Obitos—Falleceram d'esta molestia 1676 pessoas. 994 masculinos e 682 femininos.

Nacionalidade—1.657 brasileiros, 3 portuguezes, 4 hespanhoes, 2 italianos, 3 inglezes, 1 francez. 1 grego, 3 africanos e 2 sem declaração.

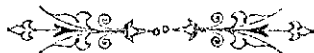
Estado civil—1.554 solteiros, 107 casados, 11 viuvos e 4 sem declaração.

Edade— 129 de 0 a 1 anno, 209 de 1 a 5 annos, 58 de 5 a 10, 323 de 10 a 20, 649 de 20 a 30, 168 de 30 a 40, 75 de 40 a 50, 44 de mais de 50 e 21 sem declaração.

Vaccinação—211 vaccinados, 1.387 não vaccinados e 78 sem declaração, do que deduz-se que a proporção foi de 1 vaccinado para 6,57 não vaccinados, e se a estes unirmos os ignorados temos 1 vaccinado para 6,94 de não vaccinados, quasi 1,7.

DR. EUDOXIO DE OLIVEIRA.

Demographista.



NOTICIARIO

Faculdade de Medicina da Bahia

Foi exonerado, a seu pedido, do cargo de director d'esta Faculdade o dr. Antonio Pacifico Pereira e nomeado para o mesmo cargo o vice-director dr. José Olympio de Azevedo.

—Para o cargo de vice-director foi nomeado o dr. Alexandre Evangelista de Castro Cerqueira.

—Foi nomeado o dr. Christovão Uchôa Cavalcante sub-bibliothecario da mesma faculdade.

Revista Medica de S. Paulo

Recebemos o primeiro numero d'esta interessante revista mensal que sob bons auspicios começou sua publicação em 15 de fevereiro sob a direcção dos conhecidos profissionaes drs. Victor Gordilho e Arthur Mendonça, com a collaboração dos mais distinctos representantes da classe medica paulista.

Saudamos o jovem collega desejando-lhe prospera e duradoura existencia.

Publicações recebidas

Tableaux synoptiques de Pathologie externe, par le dr. Villeroy, 1 vol. gr. in. 8 de 208 pag. Librairie J. B. Baillière et Fils Paris.

Lexique Formulaire des Nouveautés Medicales par le professeur Paul Lefert, 1 vol. in. 18 de 336 paginas. Librairie J. B. Baillière et Fils, Paris.

